L. do D.

A arte era metallica dos barbaros, é um culto methodicamente excessivo das nossas faculdades de sonho, de analyse e de attenção, pelo sermos de subjugadas á nossa personalidade, para que se nos destaquem ou para realçal-as ou para identifical-as aos outros.

O que as nossas sensações teem de real é precisamente o que teem de não-nossas. O que ha de commum nas sensações é que forma a realidade. Assim a nossa individualidade nas nossas sensações está só na parte erronea d'ellas. A alegria que eu teria se visse um dia o sol escarlate. Seria tão meu aquelle sol, só meu!

Annunciação com a direcção de um chamado da parentana.

Razões:

BIBLIOTECA NACIONAL

A [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] como [illegible]; mas [illegible] [illegible] do [illegible] [illegible].

1-2

L. do D.

O instincto aspirante da humanidade, que faz que o mais ignobil de nós, se é homem e não besta, anceie, beatamente, pela mão paternal que o guie, em quanto que seja longe que o guie, atravez do mysterio e da confusão do mundo. Cada um de nós é um grão de pó que o vento da vida levanta, e depois deixa cahir. Temos que acostumar-nos a esta idéa, que põe a nú pensar como um outro não; porque o pensar é sempre incerto, o céu sempre longe, e a vida sempre alheia.

O mais alto de nós não é mais que um conhecedor mais proximo do ôco e do incerto de tudo.

Pode ser que um guia nos illuda; o caminho, porém, é que nos não guia.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D. (?)

As cousas modernas são

(1) A evolução dos espelhos.
(2) Os guarda-fatos.

Passámos a ser creaturas vestidas, de corpo e alma.

E, como a alma corresponde sempre ao corpo, o traje espiritual estabeleceu-se. Passámos a ter a alma essencialmente vestida, assim como passámos, homens, corpos, á categoria de animaes vestidos.

Não é só o facto de que o nosso traje se torna uma parte de nós. É tambem a complicação d'esse traje e a sua curiosa qualidade de não ter quasi nenhuma relação com os elementos da elegancia natural do corpo nem com os dos seus movimentos.

Se me pedissem que explicasse o que é este meu estado de alma, atravez de uma razão social, eu responderia mudamente apontando para um espelho, para um cabide e para uma caneta com tinta.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

... e um profundo e tediento desdem por todos quantos trabalham para a humanidade, por todos quantos se batem pela patria e dão a sua vida para que a civilização continue...

... um desdem cheio de tedio por elles, que desconhecem que a unica realidade para cada um é a sua propria alma, e o resto — o mundo exterior e os outros — um pesadelo inesthetico, como um resultado nos sonhos de uma indigestão do espirito.

A minha aversão pelo esforço excita-se até ao horror quasi gesticulante perante todas as formas de esforço violento. E a guerra, o trabalho productivo e energico, o auxilio aos outros ... tudo isto não me parece mais do que o producto de uma impudencia,

BIBLIOTECA NACIONAL

E, perante a realidade suprema da minha alma, tudo o que é util e exterior me sabe a frivolo e trivial ante a pura grandeza dos meus mais originaes e frequentes sonhos. Esses, para mim, são mais reaes,

Fragmentos de uma autobiographia

... Primeiro, entretiveram-me as especula-
ções metaphysicas, as ideias ~~[illegible]~~ scientifi-
cas depois. Attrahiram-me finalmente as
sociologicas. Mas em nenhum
d'estes estadios da minha busca da ver-
dade encontrei segurança e allivio. Para
há, em qualquer das preoccupações, mas no
passo que vi tantas theorias se cançarem
ver, contradictorias, egualmente assentes
em razões desenvolvidas, todas ellas egual-
mente pensaveis e de accordo com uma
certa escolha de factos que tinha campo o ende-
ver a factos todos. A seguir os livros
e vendo elles cançados, ou [illegible] mais
pensadores [illegible] fui o mundo externo
muito perturbante attenção, se uma cousa
em mim, desmentiu-me toda a utilidade de
ber e pensar, [illegible] uma e [illegible]
todos os factos da idea do [illegible]: a
[illegible] complexidade do [illegible], a immensa
summa [illegible], a prodigio
[illegible] dos [illegible] [illegible] [illegible]
a [illegible] [illegible] precisos para o levan-
tamento de uma ~~[illegible]~~ [illegible]

L. do D.

Nunca deixo saber
aos [ás] meus [mias] sentimentos [sensações]
o que lhes vou fazer
sentir... Brinco com
as minhas sensações
como uma princeza
cheia de tedio com
os seus grandes gatos
promptos e crueis...
Fecho subitas portas dentro
de mim por onde
certas sensações
iam passar para
se realizarem. Retiro
bruscamente do
seu caminho os
objectos espirituaes
que lhes vão servir
para certos gestos.

Pequenas phrases sem
sentido, bruteiras mas
commummente suppostas,
sto [illegible] affirmações
feitas em caminho de actos
que já se não significa
[illegible]

– O seu olhar ~~tem~~ profundo
cousa de mysterio tornar
sua bocca, no mais
mysterioso do sim só na
florestas na margem op-
posta...
Não digo que é pre
uma noite de luar.
Chamava ás noites
de luar... Ha quem
~~calmamente~~ torna mysterio-
samente nas noites
de luar...
Isso também é penosa-
vel... E é lamentavel,
está claro... Mas o
seu olhar tem realidade
o tocar de ver sombras
de qualquer cousa...
Falta-lhe o ~~encanto~~ Amo
que espumas... o meu
no perdido da sua
esperança uma gran-
deza de illusões
que tenho tido...
Creia que ~~quite~~ ás
vezes o que digo, e
até, apesar de muitos,
o que digo com
o mar–

2/ 7-6

– Não está [illegible] [illegible]
para [illegible] proprio?
Não sentimos realmente
o que pensamos que
estamos sentindo?. Este
poema [illegible], por exem-
plo, tem base de realidade?
Não tem. [illegible] romance
não quiz admittil-a,
= Com muita razão. – Eu
não tenho a [illegible]
certo de estar [illegible]
[illegible] [illegible]. Apesar
de [illegible], [illegible]-me
[illegible] de me [illegible]
[illegible] de uma [illegible]
de impressões de um
[illegible]. Tenho
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]
[illegible], [illegible], e
[illegible] de realidade
[illegible] e [illegible]
[illegible] [illegible]
a unica cousa [illegible]
a [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] é [illegible] [illegible]
a [illegible]. [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]

3/

queria ao transito d'um
rapaz ~~que quando passa a'um~~
bocadinho d'caridade antes
que houvesse em muita
cousa... Achava-se muitas
d'essa bondade mal-
mente comparavel —
mas quando se é
creança, tem-se
aspirações maus
d'altas... Só depois,
na edade em que as
nossas aspirações
são todas immoraes,
é que pensamos n'isso
a serio...

— Eu ~~o~~ como muitas
~~de~~ fallo á creanças, creio
no ~~instincto~~ artistico
d'ellas... Até, em-
quanto estou fallando,
sobre isso, ou estou
querendo penetrar o
intimo sentido d'essas
cousas que me estão
dizendo... Percebe-me?
Sáe d'tudo... Parece

= Deve encontrar os
instinctos que as artes
[illegible]

4

7.7

São sempre demasia-
mente íntimos... [illegible]
[illegible] que me dê algu-
mas [illegible]
estas confissões íntimas,
que, [illegible] que todos eles
[illegible], representam
verdadeiros [illegible]
[illegible]...
[illegible], acredite, o
que temos de mais
[illegible] é o que
não somos realmente
e os nossos maiores
[illegible] passam-se
na nossa vida íntima de
nós. São verdadeiros...

— Isso é [illegible]? Fecha-se.
Para que [illegible] a nossa
Para que tirar à nossa
conversa a sua realidade
constante?...
Bem é que a nossa
conversa [illegible],
entre [illegible]
[illegible] e com sensações,
[illegible]
[illegible]...

= [illegible]
[illegible]

BIBLIOTECA NACIONAL

pode pensar... pois ella
que eu estava distrahida
e não reparei realmente
o que tinha dito ama-
-vel cousa justa... pudemos
o auxilio... Ou tanto
que é sempre!... Não
— a ~~tarde~~ se joga — Olha
que este meu pobre ama-
não ~~tem~~ sentido abso-
lutamente nenhum...
— Não me peço desculpas,
— não reparou em que
estamos fallando... Toda
a boa conversa deve
ser uma mistura de dis-
tracções, me foi não
poder ter de entre se
conversamos realmente
e algo se se ama-
-[illegible] ~~[illegible]~~ Os
[illegible] a conversa... os mais
~~[illegible]~~ [illegible] e os mais
[illegible] [illegible] os
[illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] aquelles
~~[illegible]~~ são romancistas
que é [illegible] pois pessoa
teem entre ~~[illegible]~~
nossos dos Cum
parallos...
escrupulo
— Pois ainda esta!
nossa [illegible]
[illegible] — [illegible]
[illegible]

6.

exemplo... bem é se
faz nos grammaticos; não
ha se recorre para outra
maneira de lerem ~~[illegible]~~
— ~~[illegible]~~ ?
~~[illegible]~~
= Eu temo... Tudo isto
uma ansia perfeita
de saber como se diz
as coisas... A [illegible]
unica [illegible]; nas
grammaticos, é para
os excepções — para
os pleonasmos... e [illegible]
por as regras e diz
cousas inuteis como
[illegible] a ~~[illegible]~~ [illegible]
[illegible] ainda...
[illegible] se diz [illegible] *
absolutamente... O [illegible]
— [illegible] antipathia nos
[illegible] (já [illegible]
nos [illegible] [illegible]
de outras [illegible] [illegible]
[illegible]?) — O [illegible]
[illegible] [illegible] nos
[illegible] é o [illegible],
os [illegible]... [illegible]
[illegible] de [illegible]

BIBLIOTECA NACIONAL

7

phrases... uma phrase
[illegible] Deve sempre [illegible]
de muitos sentidos...
o verbo! — Um amigo
meu que o [illegible]
[illegible] por toda a
[illegible] a [illegible]
[illegible] um amigo —
tinha (tinha [illegible] toda
a sua vida a doutrina
o verbo...
=(Ella [illegible] o [illegible]?)
— Espera, ainda não sei...
Ella pretendia descobrir a
razão do modo de não
completar as phrases
em [illegible] [illegible]. o. Ella
costumava [illegible] — o
que procurava o mistério
da significação... Simi-
[illegible] é claro, [illegible]
[illegible] ~~[illegible]~~ [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] outra [illegible]
a importancia do silencio
[illegible] cada [illegible]...
[illegible] [illegible]
= Ah, [illegible]... Isso é muito
[illegible]... Não vê que
[illegible] poderia [illegible]
[illegible]...

8

[illegible] [illegible] D'mas [illegible] si
un [illegible] [illegible] cubeș... O
[illegible] [illegible] a [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible]... t'am [illegible]
[illegible], [illegible]?... A [illegible]
[illegible] [illegible] – [illegible]
[dulci cozi] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] –
– Dă [illegible] [illegible]? –
= [illegible] [illegible] și [illegible]...
[illegible] [illegible] [illegible] –, [illegible]
[illegible],

ambiente que . . .

As suas creaturas que
estão [illegible] a ver é claro
que tinham com certeza
esta conversa. Mas estavam
tão abstrahidos; tão certos
que não pensavam que não
falhavam nunca... Parecia-lhes
assim este ~~[illegible]~~ para
elles a ~~terem~~ tudo... As
suas attitudes, os seus gestos
feitos, os seus movimentos
a chamar e sorrir aos
amantes e amores que
estão attentos aos ~~[illegible]~~
e caricias, desejam
[illegible] sempre o que sabe-
~~[illegible]~~ ... Quando
elles um dia forem todos
e se [illegible] chamados cada
um para seu lado — cada
~~attentos~~ d'uma ~~[illegible]~~,
para fallar como a um
o outro —, se elles que
estão [illegible] para estar
[illegible] [illegible] que se-
[illegible] o que nunca
souberão o que ~~[illegible]~~ e que não
pensaram [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] interpretado tão
[illegible] [illegible] [illegible] que ideias são
[illegible] [illegible] [illegible] que
[illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]

BIBLIOTECA

Elles, se me lessem, acre-
ditariam que fui eu
que [illegible] [illegible]
na commum [illegible]
[illegible] [illegible]
nós outros sentimos tantas
coisas que — sentimos
o peso do bem, o amor
do chão, a [illegible] para
o corpo do [illegible] de
que elle tinha nos
peitos... Tudo isso, ge-
nii [illegible] particula-
res, elles [illegible]
[illegible] de hoje [illegible]
[illegible] [illegible] altivos [illegible]
o que [illegible] é, mais
o que [illegible] ~~[illegible]~~ [illegible],
[illegible] ~~[illegible]~~ de [illegible]
Reconstruirão, [illegible].
[illegible] me [illegible] de [illegible]
[illegible] d'elles, de [illegible]
[illegible] ~~[illegible]~~ [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible]

poderia [illegible] de
[illegible] a ter dito.

BIBLIOTECA

L. do D.

Sens. nascem analogas

Repicute entre a sens. e a c.ᵗ d'ella, não entre a sens. e o "facto".

Regra de vida: Submetter-se a tudo exist. O cosmo bom p. artificial — O artificio e o absurdo c.ᵒ o nojo do humano.

R. Reis:

My theoria de ~~attitude~~ ethica não é definitiva: é anti-pagã.

Pa na ver uma ~~alta~~ tendencia; depois os futuros encontrarão a pratica para essa theoria

Regra de vida: Submetter-nos ao menos possivel; separar-se, não + contrario.

Rep.ª Arist.

Na politica, a unica tradição a ~~tudo~~ ter em conta é a tradição politica, naturalmente.

— Não podemos despresar a democracia nem os seus instintos por causa da lei de continuidade social historica.

— Hoje o que ha é substituição da sociedade ao estado — poetto

— Liberdade:

— Egual.: egualdade de oppostos, que nasce ~~autorit~~ deve ser autocratica.

— Fraternidade —

Limitar pelo aristocracia (base da contra-social) o ideal "democratico"

7.11

L. do D.

A doçura de nao ter familia nem companhia, esse suave gosto como o do exilio, em que sentimos o orgulho do desterro esbater-nos em volupia incerta a vaga inquietação de estar longe - tudo isto eu góso a meu modo, indifferentemente. Porque um dos detalhes caracteristicos da minha attitude espiritual é que a attenção nao deve ser cultivada exaggeradamente, e mesmo o sonho deve ser olhado do alto, com uma consciencia aristocratica d o estar fazebdo existir. Dar demasiado importancia ao sonho seria dar demasiada importancia, afinal, a uma cousa qeu se separou de nós proprios, que se ergueu, conforme poude, em realidade, e que, porisso, perdeu o direito absoluto á nossa delicadeza para com ella.

BIBLIOTECA NACIONAL

As figuras imaginarias teem mais relevo e verdade que as reaes.

O meu mundo imaginario foi sempre o unico mundo verdadeiro para mim. Nunca tive amores tão reaes, tão cheios de verve, de sangue e de vida como os que tive com figuras que eu proprio creei. Que loucura! Tenho saudades dellas porque, como as outras, passam —

L. do D.

~~[illegible]~~ Para sentir a delicia e o terror da velocidade não preciso de automoveis velozes nem de comboios ~~rap~~ expressos. Basta-me um carro electrico e a espantosa faculdade de abstracção que tenho e cultivo.

N'um carro electrico em marcha eu sei, ~~por uma attitude constante e~~ instantanea de analyse, separar a idea de carro da idea de velocidade, separal-as de todo, até serem coisas-reaes diversas. Depois, posso sentir-me seguindo não dentro d'elle mas dentro da ~~Velocidade d'elle~~ Mera-Velocidade d'elle. E, cansado, se acaso quero o delirio da velocidade enorme, posso transferir a idea para o Puro imitar da Velocidade e a meu bel prazer augmental-a ou diminuil-a, alargal-a para além de todas as velocidades possiveis de vehiculos comboios.

BIBLIOTECA NACIONAL

2

Como visões ricas, ali se me aparecem não é para isto que [illegible] os muitos escaninhos — pertencem-me a propria attenção ás minhas sensações, o que me é commummente e meu [illegible].

Anoitece um pouco mais de [illegible]. Tudo está e todos os [illegible].

Um poente é um phenomeno intellectual.

7-13

L. do D.

Mais "pensamentos".

Dia de Natal. (Humanismo:

A "realidade" do Natal é subjectiva. Sim, no meu ser.

A emoção, como veio, passou. Mas vem um momento commum com as esperanças e as emoções de gerações anteriores, com as imaginações mortas de toda uma liturgia morta de mysticos.

Natal em mim!)

Conclusão — a inutilidade das theorias e practicas politicas.

A crueldade da dôr — gosar o soffrer, por gosar a propria personalidade conscientemente com a dor. O ultimo refugio — renuncia da ancia de viver — da sêde de gosar;

BIBLIOTECA NACIONAL

Arre arre
~~ninguem é~~

Crês pensar os gregos. Fazes de ti um encantamento da tua emoção, pintas onde pensas, e como queres, dentro de mim. ~~Ella~~ Consegues não teres nada. Não és ninguem, porque não és consciente; apenas vives.

Qu'est il de faire au temps ~~et ceux~~ qui veulent vivre?

Meu espirito ateu come como os dominios fogem, e como o bem os decadentes dizem.

Symphonia de uma noite inquieta.

L. do D.

Sou d'aquellas almas que as mulheres dizem que amam, e nunca reconhecem quando encontram; d'aquellas que, se ellas as reconhecessem, mesmo assim não as reconheceriam. Soffro a delicadeza dos meus sentimentos com uma attenção desdenhosa. Tenho todas as qualidades, pelas quaes são admirados os poetas romanticos, mesmo aquella falta d'essas qualidades, pela qual se é realmente poeta romantico. Encontro-me descripto (em parte) em varios romances como protagonista de varios enredos; mas o essencial da minha vida, como da minha alma, é não ser nunca protagonista.

—

Não tenho uma idéa de mim-proprio; nem aquella que consiste em uma falta de idéa de mim-proprio. Sou um nómada da consciencia de mim. Tresmalharam-se á primeira guarda os rebanhos da minha riqueza intima.

A unica tragedia é não nos podermos conceber tragicos. Vi sempre nitidamente a minha coexistencia com o mundo. Nunca senti nitidamente a minha falta de coexistir com elle; por isso nunca fui um normal.

—

Agir é repousar.

BIBLIOTECA NACIONAL

Todos os problemas são insoluveis. A essencia de haver um problema é não haver uma solução. Procurar um facto significa não haver um facto. Pensar é não saber existir.

Passo horas, ás vezes, no Terreiro do Paço, á beira do rio, meditando em vão. A minha impaciencia ~~constantemente~~ me quer arrancar d'esse socego, e a as ancias ~~constantemente~~ me detém nelle. Medito-então, em uma modorra de physico, que só parece com a volupia apenas como o murmurio do vento lembra vozes, na eterna insaciabilidade dos meus desejos vagos, na perenne instabilidade das as ancias impossiveis. Soffro, principalmente, do mal de poder soffrer. Falta-me qualquer coisa que não desejo, e soffro porque isso não é propriamente soffrer.

O caes, a tarde, a maresia entram todos, e entram juntos, na composição da minha ~~[illegible]~~ angustia. As flautas dos pastores impossiveis não são mais suaves que o não haver aqui flautas e isso lembrar-m'as. O idyllio longinquo, ao pé de ~~um~~ riacho, doe-me esta hora analoga por dentro, ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~

L. do D.

Que rainha imperiosa guarda ao pé dos seus
lagos a memoria da sua vida partida? Fui o
pagem de alamedas insufficientes ás horas aves
do meu socego azul. Naus longe completavam o
mar á orla dos meus terraços, e nas nuvens
do sul perdi minha alma, como um remo
deixado cahir.

7-16

L. do D. — (prefacio).

Quando, como uma noite de tempestade a que o dia se segue, o christianismo passou de sobre as almas, viu-se o estrago que invisivelmente, havia causado; a ruina, que causára, só se viu quando elle passára já. Julgaram uns que era por sua falta que essa ruina viera; mas fora pela sua ida que a ruina se mostrára, não que a causára.

Ficou então, neste mundo de almas, a ruina visivel, a desgraça patente, sem a treva que a cobria do seu carinho falso. As almas viram-se taes quaes eram.

Começou, então, nas almas recentes aquella doença a que se chamou romantismo, aquelle ~~mal~~ christianismo sem illusões, aquelle christianismo sem mythos, que é a propria seccura da sua essencia doentia.

O mal todo do romantismo é a confusão entre o que nos é preciso e o que desejamos. Todos nós precisamos das cousas indispensaveis á vida, á sua conservação e ao seu continuamento; todos nós desejamos uma vida mais perfeita, uma felicidade completa, a realidade de nossos sonhos e

Bibliotheca Nacional

É humano querer o que nos é preciso, e é humano ~~q~~ desejar o que não nos é preciso, mas é para nós desejavel. O que é doença é desejar com egual intensidade o que é preciso e o que é desejavel, e soffrer por não ter ~~—~~ ser feliz perfeito como se se soffre por não ter pão. O mal romantico é este: é querer a lua

End. Postal
APARTADO 147

F. A. PESSOA
RUA DO OURO, 87, 2.º
LISBOA

Teleph.
CENTRAL 2194

Como se houvesse maneira de a obter.

"Não se pode comer um bolo sem o perder".

Na esphera baixa da politica, como no intimo recinto das almas — o mesmo mal.

O pagão desconhecia, no mundo real, este sentido doente das coisas e de si mesmo. Como era homem, desejava tambem o impossivel; mas não o queria. As suas religiões eram … e só aos penetrados do mysterio, aos iniciados apenas, longe do povo e dos …, eram ensinados aquelles cursos transcendentes da religião que ensinam o abandono vacuo do mundo.

L. do D.

Uma secção intitulada: Paciencias

(incluir Na Fl. do Alh. ?)

Os suspiros de um homem que sente o tedio da vida do terraço da sua villa rica são uma cousa; são outra cousa os suspiros de quem, como eu, tem que contemplar a paysagem do meu quarto n'um 4º andar da Baixa, sem poder esquecer que é ajudante de guarda-livros. "Tout notaire a rêvé des sultanes"....

Tenho um prazer ~~outro~~ intimo, da ironia do ridiculo immerecido, quando, sem que alguem estranhe, declaro, nos actos officiaes, em que é preciso dizer a profissão: empregado no commercio. Não sei como virá o meu nome assim no Annuario Commercial.

Epigraphe ao Diario:

Guedes (Vicente), emp. no comm., Rua dos Retrozeiros, 17. 4º

ANN. COMM. de Portugal.

BIBLIOTECA NACIONAL

TELEPH.
CENTRAL 2194

F. A. PESSOA
RUA DO OURO, 87, 2.º
LISBOA

END. POSTAL
APARTADO 147

A mania do absurdo e do paradoxo é a ~~animal spirits~~ [alegria animal] dos ~~tristes~~. Como o homem normal diz disparates por vitalidade, e por sangue dá palmadas nas costas de outros, os incapazes de enthusiasmo e de alegria dão cambalhotas na intelligencia e, a seu modo, [fez] fazem os gestos [quasi] da vida.

~~Paciencias~~

As tias velhas de que os tiveram, nas rezas a petiscar das coisas vagas na penumbra, ~~entretanto~~ a hora em que a creada dorme ao som crescente da chaleira ~~com~~ ~~as que~~ [a ouvir entretida ... ~~as cartas~~] fazem paciencias. Tenho saudades em mim d'esse sonho inutil alguem que se colloca no meu logar. Vem o chá e o baralho velho encontra-se arrumado ao canto da mesa. O ~~apparador~~ grande-lento escurece a [sombra], na sala de jantar apenumbrada. Sua de somno a cara da creada apagar lentamente por acabar. Vejo isto tudo com uma angustia e uma saudade independentes de ter relação com qualquer coisa. E, sem querer, ponho-me a considerar qual é o estado de espirito de quem faz paciencias com cartas.

7-18

L. do D.

Mesmo que eu quizesse crear, — —

A unica arte verdadeira é a da <u>construcção</u>. Mas o <u>meio</u> moderno torna impossivel o apparecimento de qualidades de construcção no espirito.

Por isso se desenvolveu a sciencia. A unica cousa em que ha construcção, hoje, é uma machina; o unico argumento em que ha encadeamento é o de uma demonstração mathematica.

O poder de crear precisa de ponto de apoio, da muleta da realidade.

—

A arte é uma sciencia. — —

—

BIBLIOTECA NACIONAL

F. A. PESSOA
RUA DO OURO, 87, 2.º
LISBOA
END. POSTAL APARTADO 147
TELEPH. CENTRAL 2194

[illegible]

Soffro rhythmicamente.

Não posso ler, porque a minha critica hyperacesa não descortina senão defeitos, imperfeições, possibilidades de melhor. Não posso sonhar, porque sinto o sonho tão vivamente que o comparo com a realidade, e desde logo sinto que elle não é real; e assim o seu valor desapparece. Não posso entreter-me na contemplação innocente das coisas e dos homens, porque a ansia de aprofundar é inevitavel, e, desde que o meu interesse não pode existir sem ella, ou tem de morrer ás mãos d'ella, ou seccar ——.

Não posso entreter-me com a especulação metaphysica porque sei de sobra, e por mim, que todos os systemas são defensaveis e intellectualmente possiveis; e, para gozar a arte intellectual de construir systemas, falta-me o poder esquecer que o fim da especulação metaphysica é a procura da verdade.

Sem passado feliz em cuja lembrança torne a ser feliz; sem nada no presente que me alegre ou me interesse; sem sonho ou hypothese de futuro que aqui differente d'este presente, ou possa ter outro passado que esse passado — jazo a minha vida, consciente espectro de um paraiso em que nunca estive, cadaver nado das minhas esperanças por haver.

Felizes os que soffrem com unidade! Aquelles a quem a angustia altera mas não divide, que crêem, ainda que na descrença, e podem

7-19

L. do D.

A mais vil de todas as necessidades — a da confidencia, a da confissão. É a necessidade da alma de ser exterior.

Confessa, sim; mas confessa o que não sentes. Livra a tua alma, sim, do peso dos seus segredos, dizendo-os; mas ainda bem que o segredo que digas, nunca o tenhas dito. Mente a ti proprio antes de dizeres essa verdade. Exprimir(-se) é sempre errar. Sê consciente: ~~seja, para ti,~~ exprimir seja, para ti, mentir.

BIBLIOTECA NACIONAL

Teleph.
CENTRAL 2194

F. A. PESSOA

Rua do Ouro, 87, 2.º
LISBOA

End. Postal
APARTADO 147

Livro do Desassocego.

(Chapter on Indifference or something like that)

Toda a alma digna de si-propria deseja viver a vida em Extremo. Contentar-se com que o que lhe dão é proprio dos escravos. Pedir mais é proprio das creanças. Conquistar mais é proprio dos loucos, porque toda a conquista é ....

Viver a vida em Extremo significa vivel-a até ao limite, mas ha trez maneiras de o fazer, e a cada alma elevada compete escolher uma das maneiras. Pode viver-se a vida em extremo pela posse extrema d'ella, pela viagem ulysséa atravez de todas as sensações vividas, atravez de todas as fórmas da energia exteriorisada. Raros, porém, são, em tdas as epochas do mundo, os que podem fechar os olhos cheios do cansaço somma de todos os cansaços, os que possuiram tudo de todas as maneiras.

Raros podem assim exigir da vida, conseguindo-o, que ella se lhes entregue corpo e alma; sabendo não ser ciumentos d'ella por saber ter-lhe o amor inteiramente. Mas este deve ser, sem duvida, o desejo de toda a alma elevada e forte. Quando essa alma, porém, verifica que lhe impossivel tal realização, que não tem fôrças para a c onquista de todas as prtes do Todo, tem dois outros caminhos que siga - um, a abdicação inteira, a abstenção formal, completa, relegando para a esphera da sensibilidade aquillo que não pode possuir integralmente na região da actividade e da energia. Mais vale supremamente não agit que agir inútilmente, fragmentariamente, imbastantemente, como a innumera superflua maioria inane dos homens; outro, o caminho do perfeito equilibrio, a busca do Limite na Proporção Absoluta, por onde a ansia de Extremo passa da vontade e da emoção para a Intelligencia, sendo toda a ambição não de viver toda a vida, não de sentir toda a vida, mas de ordenar toda a vida, de a cumprir em Harmonia e Coordenação intelligente.

A ansia de comprehender, que para tantas almas nobres substitue a de agir, pertence á sphera da sensibilidade. Substituir a Intelligencia á energia, quebrar o élo entre a vontade e a emoção, despindo de interesse todos os gestos da vida material, eis o que, conseguido, vale mais que a vida, tão difficil de possuir completa, e tão triste de possuir parcial.

Diziam os argonautas que navegar é preciso, mas que viver não é preciso. Argonautas, nós, da sensibilidade doentia, digamos que sentir é preciso, mas que não é preciso viver.

13/

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D. – Prefacio

Elle mobilára — é impossivel que não fosse á custa de algumas renuncias — com um certo e approximado luxo os seus dois quartos. Cuidára especialmente das cadeiras — de braços, fundas, molles —, dos reposteiros e dos tapetes. Dizia elle que assim se creára um interior "para manter a dignidade do tedio." No quarto á moderna o tedio torna-se desconforto, magoa physica.

Nada o obrigára nunca a fazer nada. Em creança passára isoladamente. Acontecera que nunca passara por nenhum agrupamento. Nunca frequentára um curso. Não pertencera nunca a uma multidão. Dera-se com elle o curioso phenomeno que

2/

com tantos — quem sabe, se não bem, se com todos? — se dá, de as circumstancias minimas da sua vida se terem talhado á imagem e semelhança da direcção dos seus instinctos, da inercia toda, e do af-fastamento.

Nunca teve de se defron-tar com as exigencias do es-tado ou da sociedade. Ás proprias exigencias dos seus instinctos elle se furtou. Nada o approximou nunca nem de amigos nem de amantes. Fui o unico que, de alguma maneira, estive na intimidade d'elle. Mas — a par de ter vivido sempre com uma falsa personalidade sua, e de suspeitar que nunca elle me teve realmente por ami-go — percebi sempre que elle alguma pessoa de chamar a si para

lhe deixar o livro que deixou. Apraz-me pensar que, ainda que ao principio. Isto me custa, sob o mesmo, que foi

vendo tudo atravez de sua existencia digno de um psychologo, que fiquei do mesmo muito amigo d'elle e dedicado ao ~~[illegible]~~ fim para que elle me approximou de si — a publicação d'este seu livro.

Até n'isto — é mister descobri-lo — as ~~certas~~ circumstancias, pouco antes d'elle querer, do meu caracter, lhe pudessem servir, lhe foram favoraveis

Sentimento apocalyptico — L. do D.

Pensando que cada passo na minha vida era um contacto com o horror do Novo, e que cada nova pessoa que eu conhecia era um novo fragmento vivo do desconhecido que eu punha em cima da minha mesa para quotidiana meditação apavorada — decidi abster-me de tudo, não avançar para nada, reduzir a acção ao minimo, furtar-me o mais possivel a que eu fosse encontrado quer pelos homens quer pelos acontecimentos, requintar sobre a abstinencia e pôr a abdicação a byzantino. Tanto o viver me apavora e me tortura.

Decidir-me, finalizar qualquer cousa, sahir do duvidoso e do obscuro, são cousas que me figuram catastrophes, cataclysmos universaes.

BIBLIOTECA NACIONAL

Sinto a vida em apocalypse e cataclysmo. Dia a dia em mim augmenta a incompetencia para sequer esboçar gestos para me encontrar sequer em situações claras de realidade.

A presença dos outros — tão inesperada da alma a todo o momento — dia a dia me é mais dolorosa e angustiante. Fallar com os outros percorre-me de arrepios. Se mostram interesse por mim, fujo. Se me olham, estremeço. Se

Estou n'uma defensiva perpetua. Dôe-me a vida e os outros. Não posso fitar a realidade frente a frente. O proprio sol já me desanima e me desola. Só á noite e á noite a sós comigo, alheio, esquecido, perdido — sem laço com a realidade nem parte com a utilidade — me encontro e me dou conforto.

7-24

Tenho frio da vida. Tudo é caves humidas e catacumbas sem luz na minha existencia. Sou a grande derrota do ultimo exercito que sustentava o ultimo imperio. Saibo-me a fim de uma civilização antiga e dominadora. Estou só e abandonado, eu que como que costumei mandar outros. Estou sem amigo, sem guia, eu que sempre outros guiaram.

Qualquer coisa em mim pede eternamente compaixão — e chora sobre si como sobre um deus morto, sem altares no culto, quando a vinda branca dos barbaros inundou as fronteiras e a vida veio pedir ~~contas~~ contas ao imperio do que elle fizera da alegria.

~~Não fallem~~

Tenho sempre receio de que fallem em mim. ~~Falhei~~ em tudo. Nada ousei sequer pensar em ser; pensar que o seria, nem sequer o sonhei, porque no sonho mesmo eu conhecia incapaz para a vida, até no

BIBLIOTECA NACIONAL

um estado [illegible] de sombra apenas.

Nem um sentimento lento a vida certa, do ~~travessia~~ anda a separado para mim junto com o corpo; ou era a idéa de que vivo, ou digo com a idéa absoluta da vida.

Não fallo a leveza das realidades, e entre os [illegible] da vida cantada como uma fonte de largo lento que se ergue pela primeira vez. Há em mim uma muita na vida normal. Quando a falta chega [illegible] como uma natural . do meu estado ~~de~~ recumbente. Como uma chamma ao vento ~~treme~~ e ~~estontea~~-me. Há em ar muita das grandes fachadas respira a permanencia da antiga vida.

Nem uma saudade já me vem dos largos á beira do mar. Confesso-me como ~~[illegible]~~ ten-me a [illegible] para consciente [illegible] em [illegible]

7-25

ter mais para mim do que outrora sobre os campos seccos, tem mais muita cousa do que um reflexo como de uma luz que finda na incertamente [illegible] das [illegible]. Não vês espaço e [illegible] de que o [illegible] [illegible] do que [illegible] sobre as [illegible].

BIBLIOTECA NACIONAL

Não [illegible] nenhum outro prazer do que a analyse da dôr, nem outro estupor que o do calor liquido e doente das [illegible] quando se [illegible] e se decompõem — bons poucos [illegible] mentes, [illegible] aos amigos, e nós nem nos voltamos para saber o que são; vozes cantos longinquos, cujas palavras não buscamos colher, mas [illegible] nos [illegible] mais [illegible] ~~[illegible]~~ — do que [illegible] a incerteza da luz d'onde veem; [illegible] [illegible] dos de aguas pallidas, enchendo de longe todos os espaços [illegible] e [illegible]; [illegible] de [illegible] longinquos, esperando d'onde? e que alguem lá dentro, que não se [illegible] aqui, [illegible] no tempo mesmo na tarde onde [illegible] [illegible] se espraia a [illegible] ... ~~[illegible]~~

as flores do jardim, e, murchas, são outras flores – mais antigas, mais nobres, mais coevas a amarello morto com o mysterio e o silencio e o abandono. As libellulas de agua que afloram nos tanques teem a sua razão para os sonhos. Coaxam dentro as rãs! O' campo morto em mim! O' sossego antigo passado aos sonhos! O' minha vida fertil como uma campanha que não trabalha e dorme á beira dos caminhos com o aroma dos prados a entrar-lhe na alma como um nevoeiro, n'um somno translucido e fresco, fundo e cheio de eternidade com tudo que não logra e nunca, nocturno, ignorado, nomade a caminho sob a companhia fria das estrellas.

Vejo o curso dos meus sonhos, fito as imagens dispares para outras imagens; desdobrando, como um leque, as metaphoras cercadas em grandes quadros de visão interna;

7-26

desato de rever a vida, e fecho-a de banda como a um traje que aperta. Recolho-me ante acaso longe da estrada. Perco-me, e logro, por movimentos que comandam bondade, sopra o gesto à vida, e deixam ir-se a cidade do longe e do bulício e acabam convivência, abundante pelas sensações, fé, com um desejo de ~~de~~ reunião composto, e uma entrada entre pombos e tambores de visitas n'um jardim civil frial onde me chamam à morte, em desejo onde a viver ~~[illegible]~~ a uma graça preciosa o sol.

BIBLIOTECA NACIONAL

Doem-me as superficies tran-
antes
quillas das aguas dos tanques que ainda ninguém
sabes. E' [illegible] a palidez do
luar que escrevi sobre paginas de
florestas. E' o meu cansaço o
outomno dos meus ~~estagnamentos~~ que
recordo e não vi ~~[illegible]~~
Pesa-me toda a vida vida morta,
todos os meus sonhos falhados, tudo
~~quanto [illegible]~~
no azul dos meus céus interiores,
no tumulto d'esta [illegible] como os
meus rios na alma, no vasto
e imperfeito sossego dos trigos nas
planicies que vejo e que não
vejo.

....

Uma chavena de café; uma
fumaça que se fuma e fumo cujo
aroma nos adormece, os olhos quasi
cerrados n'um quarto em penumbra —
não quero mais da vida do que
os meus sonhos e isto. ... Que
[illegible]. Isso é pouco?
Não sei. Sei eu acaso o que é pouco
e o que é muito?
Tanto de verão lá fora como eu gostaria.

Olhar é janella. Tudo isto são as memorias de uma tarde em que me perdi ... um dia sei onde ...

9.

E uma alternativa cousa [illegible], [illegible], [illegible] a [illegible] a [illegible].
E' [illegible], a [illegible], a [illegible] [illegible],
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible], [illegible],
[illegible] [illegible] [illegible] foi [illegible], bella,
como [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] — e
[illegible] [illegible] [illegible], [illegible] [illegible] [illegible]...

A [illegible] [illegible] [illegible] e [illegible]... A
[illegible] [illegible] [illegible]; [illegible] [illegible], [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] a [illegible] [illegible] [illegible]. [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] o [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible], e [illegible].

[illegible] [illegible] [illegible] T[illegible] e [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] —

BIBLIOTECA NACIONAL

7-28

L. do D.

A inacção consola de tudo. Não agir dá-nos tudo. Imaginar é tudo, para que não tenda para agir. Ninguem pode ser rei do mundo senão em sonho. E cada um de nós, se deveras se conhece, quer ser rei do mundo. ~~[illegible]~~

Não ser, pensando, é o throno. Não querer, desejando, é a corôa. Temos o que abdicamos, porque o conservamos sonhado, intacto.

BIBLIOTECA NACIONAL

7-28a

[illegible]
[illegible]
[illegible]

— 2 idéas para o L. do Des.

— Voto — Democracia — Aut.º (critério)

como se passa d'uma idéa de aristocracia a outra.

— Patriotismo: diverg. dos ~~estadistas~~

T. C. — um Magnum — as provas — —

Cf. C. O. Wilde

Uma patente — o comum

BIBLIOTECA NACIONAL

PROPOSTA PARA HYPOTHECA

O Ill.mo e Ex.mo Sr. ……………………………………

morador na …………………… *N.º* ………… *andar* ………… *propõe para hypotheca pela quantia de* …………………… *rs., ao juro de* ………… *% annual pago adeantadamente, o seu predio sito na* …………………… *N.º* ………… *e composto de* ………… *andares e* ………… *loja, com o rendimento total de* ………… *rs, e valor venal approximado de* …………………… *rs., e que deseja hypothecar pelo praso de* ………… *annos, correndo todas as despezas de registo, tabellião, commissões, etc., por sua conta.*

Lisboa, ………… *de* …………………… *de 191* ……

O Agente, ……………………………………

O Proponente, ……………………………………

Observações

7-30

L. do D.

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradavel de ignorar a vida. A musica embala, as artes visuaes animam, as artes vivas (como a dança e o representar) entreteem. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer della um somno; as segundas, comtudo, não se afastam da vida - umas porque usam de formulas visiveis e portanto vitaes, outras porque vivem da mesma vida humana.

Não é esse o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma historia do que nunca foi, e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de idéas ou de sentimentos em linguagem que ninguem emprega, poisque ninguem falla em verso.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D. Paysagem de chuva

Em cada pingo de chuva a minha vida falhada chora na natureza. Ha qualquer cousa do meu desassocego no gotta a gotta, na bátega a bátega com que a tristeza do dia se destorna inutilmente (por) sobre a terra.

Chove tanto, tanto. A minha alma é humida de ouvil-o. Tanto... A minha carne é liquida e aquosa em torno á minha sensação d'ella.

Um frio desassocegado põe mãos gelidas em torno ao meu pobre coração. As horas cinzentas e alongam-se, emplanicem-se no tempo; os momentos arrastam-se.

Como chove!

Os [illegible] [illegible] tremendos [illegible] de agua sempre se-litos. Desce pelo meu saber que ha coisas um [illegible] perturbado de [illegible] de agua. Bate contra a vidraça, as dolentes, gemendo [illegible] a chuva.

Uma mão fria apertou-me a garganta e não me deixa respirar a vida.

Tudo morre em mim, mesmo o saber que [illegible] [illegible]. De nenhum modo physico estou bem. Todos os motivos em que me [illegible] teem existido para minha alma. Todos os [illegible] para onde [illegible] estão [illegible] de [illegible] estão longe [illegible] e não para o menor [illegible].

BIBLIOTECA NACIONAL

L. B. D.

Maximas

— Ter opiniões definidas e certas instinctos, paixões e caracter fixo e conhecido — tudo isto monta ao horror de tornar a nossa alma um facto, de a materialisar e tornar exterior. Viver n'um doce e fluido estado de desconhecimento das coisas e de si-proprio [é o unico modo de vida que a um sabio convem e aquece].

— Saber interpor-se constantemente entre si-proprio e as coisas é o mais alto grau de sabedoria e prudencia.

— A nossa personalidade deve ser inescrutavel, mesmo por nós-proprios: d'ahi o nosso dever de sonharmos sempre, e incluirmo-nos nos nossos sonhos, para que nos não seja possivel opiniões a nosso respeito.
E especialmente devemos evitar a invasão da nossa personalidade pelos outros. Todo o

2

interesse alheio por mim é uma
indelicadeza para. O que
desluzo a vulgar sensação — como
até 2 de ser uma indesculpá-
vel grosseria é o ser ella em
geral absolutamente tão e sinceramente

— Amar é cansar-se
de estar só: é uma cobardia
portanto, e uma traição a
nós-proprios. (Importa sober-
anamente que não amemos).

— Dar bons conselhos é
não respeitar a faculdade
de errar que Deus deu aos
outros. De mais, os actos alheios
devem ter a vantagem de
não serem tambem nossos.
Apenas é compreensivel que
se peça conselhos aos outros —
para saber bem, ao agir ao
contrario, quem somos bem
nós, bem em desacordo é a
Outragem.

Lavado, Pinto & Cª L.td

7-33

– A unica vantagem de estudar é ~~apprender~~ ~~saber~~ gozar o quanto os outros não disseram.

– A arte é um isolamento. Todo o artista deve buscar isolar os outros, levar-lhes ás almas o desejo de estarem sós. O triumpho supremo de um ~~artista~~ é quando a ler suas obras o leitor prefere tel-as e não as ler. Não é porque isto aconteça aos consagrados; é porque é o maior ~~tributo~~

– Ser lucido é estar indisposto comsigo proprio. O legitimo estado de espirito com respeito a olhar para dentro de si-proprio é o estado de quem olha nervos e indecisões.

BIBLIOTECA NACIONAL

A unica attitude intellectual digna de uma creatura superior é a de uma calma e fria compaixão por tudo quanto não é elle-proprio. Não que essa attitude tenha o minimo cunho de justa e verdadeira; mas é tão invejavel que é preciso tel-a.

Lavado, Pinto & C.o L.da
R. DA PRATA, 267
LISBON—PORTUGAL
ADRESSE "CORCAD"
CODE A B C 5TH EDITION

Lisbon, March 9 th 1914

Messrs. Hall's Barton Ropery Co Ltd.
HULL

L. do D.

A vida practica sempre me pareceu o menos commodo dos suicidios. Agir foi sempre para mim a condemnação violenta do sonho injustamente condemnado. Ter influencia no mundo exterior, alterar cousas, transpôr entes, influir em gente - tudo isto pareceu-me sempre de uma substancia mais nebulosa que a dos meus devaneios. A futilidade immanente de todas as formas da acção foi, desde a minha infancia, uma das meditações mais queridas do meu desapego até de mim.

Agir é reagir contra si-proprio. Influenciar é sahir de casa.

Sempre que meditei como era absurdo que, onde a realidade substancial é uma serie de sensações, houvesse cousas tão complicadamente simples como commercios, industrias, relações sociaes e familiares, tão desoladoramente incomprehensiveis perante a attitude interior da alma para com a idéa de verdade.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

A vida practica sempre me pareceu o menos commodo dos suicidios. Agir foi sempre para mim a condemnação violenta do sonho injustamente condemnado. Ter influencia no mundo exterior, alterar cousas, transpor entes, influir em gente - tudo isto pareceu-me sempre de uma substancia mais nebulosa que a dos meus devaneios. A futilidade immanente de todas as formas da acção foi, desde a minha infancia, uma das meditações mais queridas do meu desapego até de mim.

Agir é reagir contra si-proprio. Influenciar é sahir de casa.

Sempre que meditei como era absurdo que, onde a realidade substancial é uma serie de sensações, houvesse cousas tão complicadamente simples como commercios, industrias, relações sociaes e familiares, tão desoladoramente incomprehensiveis perante a attitude interior da alma para com a idéa de verdade.

L. do D. -

Segunda parte.

Em mim o que ha de primordial é o habito e o geito de sonhar. As circumstancias da minha vida, desde creança sósinho e calmo, outra forças talvez, amoldando-me, de longe, por hereditariedades obscuras a seu sinistro corte, fizeram do meu espirito uma constante corrente de devaneios. Tudo o que eu sou está n'isto, e mesmo aquillo que em mim mais parece longe do destacar o sonhador, pertence sem escrupulo á alma de quem só sonha, levada ella ao seu maior grau.

Quero, para meu proprio gosto de analysar-me, ir, á medida que a isso me aseite, ir pondo em palavras os processos mentaes que em mim são um só, esse, o de uma vida devotada ao sonho, de uma alma educada só em sonhar.

~~xxxxx~~ Vendo-me de fóra, como quasi sempre me vejo, eu sou um inapto á acção, perturbado ante ter que dar passos e fazer gestos, inhabil para fallar com os outros, sem lucidez interior para me entreter com o que me cause esforço ao espirito, nem sequencia physica para me aplicar a qualquér mero mechanismo de entretenimento trabalhando.

Isso é natural que eu seja. O sonhador entende-se que seja assim. Toda a realidade me perturba. O falla dos outros lança-me numa angustia enorme. A realidade das outras almas surprehende-me constantemente. A vasta rêde de incosnciencias que é toda a acção que eu vejo parece-me uma illusão absurda, sem coherencia plausivel, nada.

Mas se se julgar que desconheço os tramites da psychologia alheia, que erro a percepção nitida dos motivos e dos intimos pensamentos dos outros, haverá engano sobre o que sou.

Porque eu não só sou um sonhador, mas sou um sonhador exclusivamente. O habito unico de sonhar deu-me uma extraordinaria nitidez de visão interior. Não só vejo com espantoso e ás vezes perturbante relevo as figuras e os décors dos meus sonhos, mas com egual relevo

BIBLIOTECA NACIONAL

vejo as minhas idéas abstractas, os meus sentimentos humanos - oq ue delles me resta -, os meus secretos impulsos, as minhas attitudes psychicas diante de mim proprio. Affirmo que as minhas proprias idéas abstractas, eu as vejo em mim, eu com uma interior visão real as vejo num espaço interno. E assim os seus mendros são me visiveis nos seus minimos.

Porisso, conheço-me inteiramente, e, atravez de conhecer-me inteiramente, conheço inteiramente a humanidade toda. Não ha baixo impulso,como não ha nobre intuito que me não tenha sido relampago na alma; e eu sei com que gestos cada um se mostra. Sob as mascaras que as más idéas usam, de boas ou indifferentes, mesmo dentro de nós eu pelos gestos as conheço por quem são. Sei o que em nós se esforça por nos illudir. E assim a maioria das pessoas que vejo conheço melhor do que elles a si proprios. Applico-me muitas vezes a sondal-os, por que assim os torno meus. Conquisto o psychismo que explico, porque para mim sonhar é possuir. E assim se vê como é natural que eu, sonhador que sou,seja o analytico que me reconheço.

Entre ás poucas cousas que ás vezes me apraz lêr, destaco, porissó, as peças de theatro. Todos os dias sepassam peças em mim, e eu conheço a xxxxx fundo como é que se projecta uma alma na projecção de Mercator, planamente. Entretenho-me pouco, aliás, com isto; tao constantes, vulgares e enromes são os erros dos dramaturgos. Nunca nenhum drama me contentou. Conhecendo a psychologia humana com uma nitidez de relampago, que sonda todos os recantos com um só olhar, a grosseira analyse e construcção dos drmatistas fere-me, e o pouco que leio neste genero desgosta-me como um borrão de tinta atravessado na escripta.

acontecido

As cousas são a materia para os meus sonhos;porisso applico uma attenção distrahidamente sobre-attenta a certos detalhes do Exterior.

 7-36

Para dar relevo aos meus sonhos preciso conhecer como é que as paysagens reaes e as personagens da vida nos apparecem relêvadas. Porque a visão do sonhador não é como a visão do que vê as cousas. No sonho, não ha o assentar da vista sobre o importante e o inimportante de um objecto que ha na realidade. Só o importante é que o sonhador vê. A realidade verdadeira dum objecto é apenas parte delle; o resto é o pesado tributo que elle paga á materia em troca de existir no espaço. Semelhantemente, não ha no espaço realidade para certos phenomenos que no sonho são palpavelmente reaes. Um poente real é imponderavel e transitorio. Um poente de sonho é fixo e eterno. Quem sabe escrever é o que sabe vêr os seus sonhos nitidamente (e é assim) ou ver em sonho a vida, vêr a vida immaterialmente, tirando-lhe photographias com a machina do devaneio, sobre a qual os raios do pesado, do util e do circumscripto não teem acção, dando negro na chapa espiritual.

Em mim esta attitude, que o muito sonhar me enkystou, faz-me vêr sempre da realidade a parte que é sonho. A minha visão das cousas supprime sempre nellas o que o meu sonho não pode utilisar. Assim vivo sempre em sonhos, mesmo quando vivo na vida. Olhar para um poente em mim ou para um poente no Exterior é para mim a mesma cousa, porque vejo da mesma maneira, pois que a minha visão é talhada mesmamente.

Porisso a idéa que faço de mim é uma idéa que a muitos parecerá errada. De certo modo é errada. Mas eu sonho-me a mim proprio e de mim escolho o que é sonhavel, compondo-me e recompondo-me de todas as maneiras até estar bem perante o que exijo do que sou e não sou. Ás vezes o melhor modo de vêr um objecto é annullal-o, mas elle subsiste não sei explicar como, feito de materia de negação e annullamento; assim faço a grandes espaços reaes do meu ser, que, supprimidos no meu quadro de mim, me transfiguram para a minha minha realidade.

Como então me não engano sobre os meus intimos processos de illusão de mim? Porque o processo que arranca para uma realidade mais que real

LAVADO, PINTO & C.o
RUA DA PRATA, 267
LISBOA-PORTUGAL
TELEG. CORÇÃO TELEPHONE 3700

um aspecto do mundo ou uma figura de sonho, ~~arranca tambem para mais~~ que real uma emoção ou um pensamento; despe-o portanto de todo o apetrecho de nobre ou puro quando, ~~o que quasi sempre acontece~~, o não é. Repare-se que a minha objectividade é absoluta, a mais absoluta de todas. Eu crio o objecto absoluto, comqualidades de absoluto no seu concreto. Eu não fugi á vida propriamente, no sentido de procurar para a minha alma uma cama mais xxxx suave, apenas mudei de vida e encontrei nos meus sonhos a mesma objectividade que encontrava na vida. Os meus sonhos - n'outra pagina estudo isto - erguem-se independentes da minha vontade e muitas vezes me chocam e me ferem. Muitas vezes o que descubro em mim me desola, me envergonha (talvez por um resto de humano em mim - oque é a vergonha?) e me assusta.

~~Em mim o devaneio ininterrupto~~ substituiu a xxxxx attenção. Passei a sobrepôr ás cousas vistas, mesmo quando já sonhadamente vistas, outros sonhos que commigo trago. Desattento já sufficientemente para fazer bem aquillo a que chamei ver ~~as cousas em sonho~~, ainda assim, porque essa desattenção era motivada por um perpetuo devaneio e uma, tambem não exaggeradamente attenta, preoccupação com o decurso dos meus sonhos, sobreponho o que sonho ao sonho que vejo e intersecciono a realidade xxx já despida de materia com um immaterial absoluto.

D'ahi a habilidade que adquiri em seguir varias idéas ao mesmo tempo, observar as cousas e ao mesmo tempo sonhar assumptos muito diversos, estar ~~ao mesmo tempo sonhando~~ um poente real sobre o Tejo real e uma manhã sonhada sobre um Pacifico interior; e as duas cousas sonhadas intercalam-se uma na outra, sem se misturar, sem propriamente confundir mais do que o estado emotivo diverso que cada um /provoca, e sou como alguem que visse passar na rua muita gente e simultaneamente sentisse de dentro as almas de todos - o que teria que fazer n'uma unidade de sensação - ao mesmo tempo que via os varios corpos - esse tinha que os ver diversos - cruzar-se na rua cheia de movimentos.

L. do D.   Via lactea.

...com meneios de phrase de uma espiritualidade venenosa...
...rituaes de purpura râta, ceremoniaes mysteriosos de ritos contemporaneos de ninguem, (de nenhuma comprehnsão d'elles).
...sequestradas sensações sentidas n'outro corpo que o physico, mas corpo e physico a seu modo, intervallando subtilezas entre complexo e simples...
...lagôas onde paira, pellucida, uma intuição de ouro fôsco, tenuemente despida de se ter alguma vez realisado, e sem duvida por colleantes requintes lyrio entre mãos muito brancas...
...pactos entre o torpor e a angustia, verde-negros, tepidos á vista, cançados entre sentinellas de tedio...
...nacar de inuteis consequencias, alabastro de frequantes macerações - ouro, rôxo e orla(s) os entretenimentos com occasos, mas não barcos para melhores margens, nem pontes para crepusculos maiores...
...nem mesmo á beira da idéa de tanques, de muitos tanques, longinquos atravez de choupos, ou cyprestes talvez, segundo as syllabas de sentida com que a hora pronunciava o seu nome...
...porisso janellas abertas sobre caes, continuo marulhar contra docas, sequito confuso como opalas, louco e absorto, entre o que amaranthos e terebinthos escrevem a insomnias de entendimento nos muros obscuros de poder ouvir...
...fios de prata rara, nexos de purpura desfiada, sob tilias sentimentos inuteis, e por áleas onde buxos calam, pares antigos, leques subitos, gestos vagos, e melhores jardins sem duvida esperam o cansaço placido de não mais que aleas e alamedas...
...quincuncios, caramanchões, cavernas de artificio, canteiros feitos, repuxos, toda a arte ficada de mestres mortos, que haviam, entre duellos intimos de insatisfeito com evidente, decidido procissões de cousas para sonhos pelas ruas estreitas das aldeias antigas das sensações...
...toadas a marmore em longes palacios, reminiscencias pondo mãos sobre as nossas, olhares casuaes de indecisões ocasos em ceus fatidicos, anoitencendo em estrellas sobre silencios de imperios que decahem...

BIBLIOTECA NACIONAL

Reduzir a sensação a uma sciencia, fazer da analyse psychologica um methodo preciso como um instrumento de micróscopo - pretensão que occupa, sêde calma, o nexo de vontade da minha vida...

É entre a sensação e a consciencia d'ella que se passam todas as grandes tragedias da minha vida. N'essa região indeterminada, sombria, de florestas e sons d'agua toda, neutral até ao ruido das nossas guerras, decorre aquelle meu sêr cujo visão em vão procuro...

Jazo a minha vida. (As minhas sensações são um epitaphio, por [gongorico] demais extenso, sobre a minha vida morta.) Aconteço-me a morte e occaso. O mais que posso esculp/ir é sepulcro meu a belleza interior.

Os portões do meu afastamento abrangem para parques de infinito, mas ninguem passa por ellas, nem no meu sonho - mas abertos sempre para o inutil e de ferro eternamente para o falso...

...

Desfolho apotheoses nos jardins das pompas interiores e entre buxos de sonho piso, com uma sonoridade dura, as áleas que conduzem a ~~Impreciso~~ Confuso.

Acampei Imperios no Confuso, á beira de silencios, na guerra fulva em que acabará o Exacto.

O homem de sciencia reconhece que a unica realidade para si é elle proprio, e o unico mundo real o mundo como a sua sensação lh'o dá. Porisso, em logar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações ás dos outros, fazendo sciencia objectiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo, e a sua personalidade. Nada mais objectivo do que os seus sonhos. Nada mais seu do que a sua consciencia de si. Sobre essas duas realidades requinta elle a sua sciencia. É muito differente já da sciencia dos antigos scientificos, que, longe de buscarem as leis da sua propria personalidade e a organisação dos seus sonhos, procuravam as leis do "exterior" e a organisação d'aquillo a que chamavam "Natureza".

7-38

L. do D. (?)

O campo é onde não estamos. Alli, só alli, ha sombras verdadeiras e verdadeiro arvoredo.

A vida é a hesitação entre uma exclamação e uma interrogação.
+ Na duvida, ha um ponto final.

O milagre é a preguiça de Deus, ou, antes, a preguiça que Lhe attribuimos, inventando o milagre.

Os Deuses são a incarnação do que nunca poderemos ser.

O cansaço de todas as hypotheses...

BIBLIOTECA NACIONAL

7.39

L. do D.

Socégo emfim. Tudo quanto foi vestigio e desperdicio some-se/da alma como se não fôra nunca. Fico só e calmo. A hora que passo é como aquella em que me convertesse a uma religião. Nada porém me attrahe para o alto, ainda que nada já me attraia para baixo. Sinto-me livre, como se deixasse de existir, conservando a consciencia d'isso.

Socégo, sim, socégo. Uma grande calma, suave como uma inutilidade, desce em mim ao fundo do meu ser. As paginas lidas, os deveres cumpridos, os passos e os acasos de viver - tudo isso se me tornou numa vaga penumbra, num halo mal visivel, que cerca qualquer coisa tranquilla que não sei o que é. O exforço, em que puz, uma ou outra vez, o esquecimento da alma; o pensamento, em que puz, uma vez ou outra, o esquecimento da acção - ambos se me volvem numa especie de ternura sem sentimento, de compaixão fruste e vazia.

Não é o dia lento e suave, nublado e brando. Não é a aragem imperfeita, quasi nada, pouco mais do que ar que já se sente. Não é a côr anonyma do céu aqui e alli azul, frouxamente. Não. Não, porque não sinto. Vejo sem intenção nem remedio. Assisto attento a espectaculo nenhum. Não sinto alma, mas socego. As coisas externas, que estão nitidas e paradas, ainda as que se movem, são para mim como para o Christo seria o mundo, quando, da altura de tudo, Satan o tentou. São nada, e comprehendo que o Christo se não tentasse. São nada, e não comprehendo como Satan, velho de tanta sciencia, julgasse que com isso tentaria.

Corre leve, vida que se não sente, riacho em silencio mobil sob arvores esquecidas! Corre branda, alma que se não conhece, murmurio que se não vê para além de grandes ramos cahidos! Corre inutil, corre sem razão, consciencia que o não é de nada, vago brilho ao longe, entre clareiras de folhas, que não se sabe de onde vém nem onde vae! Corre, corre, e deixa-me esquecer!

Vago sopro do que não ousou viver, hausto fruste do que não pôde sentir, murmurio inutil do que não quiz pensar, vae lento, vae frouxo, vae em torvelinhos que tens que ter e em declives que te dão, vae para a sombra ou para a luz, irmão do mundo; vae para Deus ou para o abysmo, filho do Chaos e da Noite, lembrado ainda, em qualquer recanto teu, de que os Deuses vieram depois, de que os Deuses passam tambem.

5-6-1934.

BIBLIOTECA NACIONAL

7-46

Livro do Desasocego.

A liberdade é a possibilidade do isolamento. És livre se podes afastar-te dos homens, sem que te obrigue a procural-os a necessidade do dinheiro, ou a necessidade gregaria, ou o amor, ou a gloria, ou a curiosidade, que no silencio e na solidão não podem ter alimento. Se te é impossivel viver só, nasceste escravo. Podes ter todas as grandezas do espirito, todas da alma; és um escravo nobre, ou um servo intelligente: não és livre. Mas não está comtigo a tragedia, porque a tragedia de nasceres assim não é comtigo, mas do Destino para si sòmente. Ai de ti, porém, se a oppressão da vida, ella-propria te força a seres escravo. Ai de ti, se, tendo nascido liberto, capaz de te bastares e de te separares, a penuria te fórça a conviveres, Essa, sim, é a tua tragedia, e a que trazes comtigo.

Nascer liberto é a maior grandeza do homem, o que faz o hermitão humilde superior aos reis, e aos deuses mesmo, que se bastam pela força, mas não pelo desprezo d'ella.

A morte é uma libertação porque morrer é não precisar de outrem. O pobre escravo vê-se livre á força dos seus prazeres, das suas magoas, da sua vida desejada e continua. Vê-se livre o rei dos seus dominios, que não queria deixar. As que espalharam amor vêem-se livres dos triumphos que adoram. Os que venceram vêem-se livres das victorias para que a sua vida se fadou.

Porisso a morte ennobrece, veste de galas desconhecidas o pobre corpo absurdo. É que alli está um liberto, embora o não quizesse ser. É que alli não está um escravo, embora elle chorando perdesse a servidão. Como um rei cuja maior pompa é o seu nome de rei, e que pode ser risivel como homem, mas como rei é superior, assim o morto pode ser disforme, mas é superior, porque a morte o libertou.

Fecho, cansado, as portas das minhas janellas; excluo o mundo e um momento tenho a liberdade. Amanhã voltarei a ser escravo; porém agora, só, sem necessidade de ninguem, receoso apenas que alguma voz ou presença venha interromper-me, tenho a minha pequena liberdade, os meus momentos de excelsis.

Na cadeira, aonde me recosto, esqueço a vida que me opprime. Não me dóe senão ter-me doido.

BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA NACIONAL

L N D

e os crysanthemos adornam a sua vida loura em jardins aprimorados de estrellas.

a harmonia japoneza é ter ~~incidentemente~~ duas dimensões apenas.

a existencia côrida sobre transparencias dos papeis japonezes nas chavenas. louças

uma mesa posta para um chá distincto — mero pretexto para conversas inteiramente estereis + teve sempre para mim qualquer cousa de ente e individualidade com alma. Forma, como um organismo, um todo

Orgulhetico) (como não é bem
Quem vê o ponto (que o confusão)

Dr. Neibas.

Unica phrase de um conto inedito de Neibas:

- Como toda a gente rica, elle ~~era~~ vinha a ser primo de fidalgos.

Da comparticipação d'este "vinha a ser" data uma epoca do meu crescimento intellectual.

(Tears worth the ransom of Eurydice,
also that cannot ransomed be.
Eurydice for ever ransomless.)

Ter já lido os Pickwick Papers é uma das grandes tragedias da minha vida. (Não posso tornar a lel-o)

7-42

L. do D.

O enthusiasmo é uma grosseria.

A expressão do enthusiasmo é, mais do que tudo, uma ~~[illegible]~~ violação dos direitos ~~da~~ nossa insinceridade.
Nunca sabemos quando somos sinceros. Talvez nunca o sejamos. E mesmo que sejamos sinceros hoje, amanhã podemos sel-o por coisa contraria.

Eu nunca tive convicções. Tive sempre impressões. Nunca poderia odiar uma terra em que eu tivesse visto um poente escandaloso.

Exteriorizar impressões é mais persuadirmo-nos de que as temos do que tel-as.

BIBLIOTECA NACIONAL

Lord D

Um dia (Zig-Zag)

Há tanto tempo, Madame de Amour!
Que pena tanto de assim por me
não te encontrar assim!

Depois d'este dia ficou o grande
ponto fixo e final do mundo:
a amiga assassinada e o inimigo
~~[illegible]~~ sempre o mesmo e outro.

~~[illegible]~~ Aquelas de perto e comoções
desce de tua mentalidade, desce e
vem ~~[illegible]~~ substituir o mundo.

BIBLIOTECA NACIONAL

7-44

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do Des.

Absurdo

Tornarmo'-nos esphynges, ainda que falsas, até ~~não sabe~~ chegarmos ao ponto de já não sabermos quem somos. Porque, de resto, nós somos esphynges falsas e não sabemos o que somos realmente. O unico modo de estarmos de accordo com a vida é estarmos em desaccordo com nós-proprios. O absurdo é (o) divino.

Estabelecer theorias, pensando-as paciente e honestamente, só para depois agirmos contra ellas — agirmos e justificar as nossas acções com theorias que as condemnam —

Talhar um caminho nativo, e
em seguida a elle ~~continuamente~~
a seguir por esse caminho. Ter todos
os gestos e todas as attitudes de
grandeza [illegible] que nem somos
nem podemos ser, nem podemos
ser tomados como nossos.

Comprar livros para não
os ler; ir a concertos nem
para ouvir a musica nem
para ver quem lá está; dar
longos passeios por estar farto
de andar e ir [illegible]-nos
no [illegible] no [illegible] campo
na planicie.

7-15

L. do D.

Anteros.

O Amante Visual.

Tenho do amor profundo e do uso proveitoso d'elle um conceito superficial e decorativo. Sou sujeito a paixões visuaes. Guardo intacto o coração dado a mais irreaes destinos.

Não me lembro de ter amado senão o "quadro" em alguem, o puro exterior, em que a alma não entra para mais que fazer esse exterior animado e vivo — e assim differente dos quadros que os pintores fazem.

Amo assim: fixo, por bella, attrahente, ou, de outro qualquer modo, amavel, uma figura, de mulher ou de homem — onde não ha desejo não ha preferencia de sexo — e essa figura me obsessiona, me prende, se apodera de mim. Porém não quero mais que vel-a, nem temo nada mais que a possibilidade de vir a conhecer e a fallar á pessoa real que essa figura apparentemente manifesta.

Amo com o olhar, e não com a phantasia. Porque nada phantasio d'essa figura que me prende. Não me imagino ligado a ella de outra maneira, porque o meu amor decorativo não tem de maneira psychologia. Não me interessa saber quem é, que

BIBLIOTECA NACIONAL

ágo, que pena, a sensação que me dá para
isso o seu aspecto exterior.

A immensa série de pessoas e de cousas que fórma o mundo é para mim uma galeria interminavel de quadros, cujo interior me não interessa. Não me interessa porque a alma é monotona e sempre a mesma em toda a parte; differe apenas nas suas manifestações pessoaes, e o melhor d'ella é o que transborda para o rosto, para as maneiras, para os gestos, e assim entra para o quadro que me prende, e a que me vinculo ~~pr~~ cousas constantes com affeição.

Para mim uma creatura não tem alma. A alma é com ella. [Caeiro — tem na cousa ou lugar]

3

Assim vivo, em visão pura, o exterior animado das coisas e dos seres, indifferente, como um deus de outro mundo, ao conteúdo-espírito d'elles. Aprofundo-os na superficie só, em exteriores, e quando busco a profundeza, é em mim, e não na consciencia d'elles, que procuro.

Que pode dar-me o conhecimento pessoal da creatura que assim amo em *décor*? Não uma desillusão, porque, como nella só amo o aspecto, e nada d'ella phantasio, a sua estupidez ou mediocridade nada tiram, porque eu não esperava nada senão o aspecto que não tinha que esperar, e o aspecto persiste. Mas o conhecimento pessoal é nocivo porque é inutil, e o inutil material é nocivo sempre. Saber o nome da creatura – para quê? e é a primeira coisa que, apresentado a ella, fico sabendo.

O ambiente pessoal fere-me. Tira-me a liberdade de contemplação, a que é minha forma de amar, desaggrega. Não podendo fitar, com-

4

tenção em litteratura por entre pensamentos.

O que é superfluo é-o, a menos para o artista, porque, perturbando-o, diminue o effeito.

O meu destino natural de contemplador inutil e apaixonado das apparencias e das manifestações das cousas, objectivista dos sonhos, amante visual das formas e dos aspectos da natureza

7-47

5ª

Não é um caso do que os psychiatras chamam onanismo psychico, nem sequer do que chamarei erotomania. Não phantasio, como no onanismo psych.; não me figuro em sonho amante carnal, ou sequer amigo de falla, da creatura que fito e recordo: não phantasio d'ella. Nem, como o erotomano, a idealizo e a transporto para fóra da esphera da sua esthetica concreta: — não penso d'ella, nem penso n'ella, mais que o que me dá aos olhos e á memoria directa e pura do que os olhos viram.

BIBLIOTECA NACIONAL

7.48

L. do Des.

(cop. duma carta para Pretoria):

"Eu tenho passado bem de saúde e o espirito tem estado curiosamente menos mal-disposto. Ainda assim uma vaga inquietação anda a torturar-me, uma cousa a que eu não posso chamar senão uma comichão intellectual, como se eu fosse ter bexigas na alma. É só nesta linguagem absurda que eu lhe posso descrever o que sinto. Tudo isto, porém, não se aparenta propriamente com aquelles estados tristes de espirito, de que ás vezes lhe fallo, e em que a tristeza é caracterisadamente uma tristeza sem causa. Este meu estado de alma actual tem uma causa. Em torno a mim está-se tudo afastando e desmoronando. Não emprego estes dois verbos no sentido entristecedor. Quero apenas dizer que na gente com quem lido se estão dando, ou se vão dar, mudanças, acabares de periodos de vida, e que tudo isto - como a um velho que vê morrerem em seu redór os seus companheiros de infancia, a sua morte parece proxima - me suggere não sei de que mysteriosa maneira, que a minha deve, vae, mudar tambem. Repare que eu não creio que esta mudança vá ser para peor; creio o contrario. Mas é uma mudança, e para mim mudar, passar de uma cousa para ser outra, é uma morte parcial; morre qualquér cousa de nós, e a tristeza do que morre e do que passa não pode deixar de nos roçar pela alma.

Veja: Amanhã vae para - não a, mas para - Paris o meu maior e mais intimo amigo. A tia Anniva (veja a carta della) não é improvavel que vá breve para a Suissa com a filha, casada então. Vae para a Galliza, para lá estar bastante tempo, um outro rapaz muito meu amigo. Passa a viver no Porto um outro rapaz que é, depois do primeiro que lhe citei, o meu amigo mais proximo. Assim, em meu redor humano, tudo se organiza (ou se desorganiza) de modo a ir-me, não sei se isolando, não sei se chamando para um novo caminho que não

BIBLIOTECA NACIONAL

vejo. Mesmo a circumstancia de eu ir publicar um livro vem alterar a minha vida. Perco uma cousa - o ser inedito. E assim, mudar para melhor, porque mudar é mau, é sempre mudar para peor. E perder um defeito, ou uma deficiencia, ou uma negação, sempre é perder. Imagine a Mamã como não viverá, de dolorosas sensações quotidianas, uma creatura que sente desta maneira!

Que serei eu daqui a dez annos - de aqui a cinco annos, mesmo? Os meus amigos dizem-me que eu serei um dos maiores poetas contemporaneos - dizem-o vendo o que eu tenho já feito, não o que poderei fazer (senão eu não citava o que elles dizem...) Mas sei eu ao certo o que isso, mesmo que se realize, significa? Sei eu a que isso sabe? Talvez a gloria saiba a morte e a inutilidade, e o triumpho cheire a podridão.

(Carta de 5/6/1914)

7-49

L. do D.

Attingi, no estado mystico, o que esse estado tem de grande, sem o que tem de exigente; sou o ~~extatico~~ de deuses nenhuns, o mystico ou epopta sem ~~[illegible]~~ iniciação, e passo o curso dos dias na meditação de um paraiso em que não creio — e isto tudo sabe bem á alma, que ella conhece o que é desconhecer.

Vão altos, por cima e ainda além, corpos dentro do uma outra, os mesmos [illegible]; vêm altos, por cima do onde estão, almas captivas nem corpos, as verdades [illegible] ~~[illegible]~~ [illegible] vae alto tudo, — e tudo passa no alto como em bando, com rumor que deixa tudo (dos) que chama um verdade que deixe nem (do) que do- Sou, tudo o que é alto passa alto e passa tudo o que é ~~[illegible]~~ do ~~[illegible]~~ ~~appetecer~~ [illegible] e passa [illegible] tudo é alheio e [illegible], tudo attrahe,

~~tudo~~ passa: é impossivel [illegible] ao [illegible]

O que me importa chama corpo a alma, que pensarei também? [illegible], [illegible] o [illegible] de

[illegible]

29-6-1934.

7-50

L. do D. (?)

26-7-1934

Em qualquer espirito, que não seja disforme, existe a crença em Deus. Em qualquer espirito, que não seja disforme, não existe a crença em um Deus definido. É qualquer ente, existente e impossivel, que rege tudo; cuja pessoa, se a tem, ninguem pode definir; cujos fins, se os tem, ninguem pode comprehender. Chamando-lhe Deus dizemos tudo, porque, não tendo a palavra Deus sentido algum preciso, o affirmamos sem dizer nada. Os attributos de infinito, de eterno, de omnipotente, de summamente justo ou bondoso, que por vezes lhe collamos, despegam-se por si como todos os adjectivos desnecessarios quando o substantivo basta. E Elle, a quem, por indefinido, não podemos dar attributos, é, por isso mesmo, o substantivo absoluto.

BIBLIOTECA NACIONAL

A mesma antes, e o mesmo vago
critério quanto á sobrevivencia da
alma. Todos nós sabemos que morre-
mos; todos nós sentimos que não
morreremos. Não é bem um de-
sejo, nem uma esperança que nos
traz essa ~~[illegible]~~ visão no escuro
de que a morte é um mal-entendido:
~~é uma intuição [illegible], como o que~~
~~nos antes flores [illegible]~~
é um raciocinio feito com as en-
tranhas, que repudia